Tertúlia Lezíria

Encontro de várias gerações

Numa das mais emblemáticas ruas das esperas de toiros de Vila Franca de Xira, a 1.º de Dezembro, encontramos no n.º 39 a tertúlia Lezíria. Um espaço que conseguiu envolver várias gerações para homenagear a Cidade e a festa brava.

Na origem da tertúlia Lezíria estão João Maria[1] e Lídia Conde (de quem todos sentem eterna saudade), que adquiriram aquele espaço, à época uma padaria, e que, desde logo, começaram por abrir portas em dias de corrida de toiros para receber a família e os amigos. Traziam ainda consigo o entusiasmo do espetáculo e a discussão da festa brava, dando ali continuação a um espírito único, o espírito tertuliano, assente no amor à tauromaquia, às tradições e, sobretudo, ao cenário da outra margem do Tejo, a Lezíria. Assim, nada mais natural do que oficializar o espaço como tertúlia e decorá-la a preceito com um espólio bem identificativo dessas paixões. A ligação de João Maria Conde ao Rio traçou o seu percurso de vida e constituiu-se como fio condutor para a materialização da sua tertúlia. Ou não fosse o seu ofício zelar pela integridade do leito e das margens do Tejo através da extração de areias. A sua profissão, diretamente ligada à sustentabilidade ecológica do curso de água, enraizou-lhe o fascínio pela paisagem e pela sua terra natal.

Fundada no primeiro dia de julho de 1979, num fim de semana de Colete Encarnado como não podia deixar de ser, a tertúlia recebeu a graça de "Lezíria", como um dos barcos onde João Conde trabalhava.

Lezíria

Decorada nas cores da Praça Palha Blanco, o espaço traz-nos os aspetos da ruralidade assentes na ligação ao rio, ao campo e à tauromaquia. Forradas com fotografias, as paredes relembram momentos memoráveis de corridas de toiros. Dos objetos colecionados e expostos fazem parte fatos de toureiro, arreios, capotes, bandarilhas, um estoque, cartéis cuidadosamente emoldurados. Estão representados diversos ferros de ganadarias mas o destaque vai para as três imponentes cabeças de toiro embalsamadas, provenientes de três corridas de toiros de morte realizadas em Vila Franca de Xira (ocorreram apenas quatro na Cidade), na década de 70.

Culto, fé e tradição

No fim de semana de Colete Encarnado elegem a Homenagem ao Campino, nos Paços do Município, como o momento alto e bonito da Festa. Mas acabam por ser três intensos dias de convívio e *afición*, em que o espaço perde a fronteira e se estende para a rua, ganhando novas cores, mais vida e amigos. Fogareiros e sardinhadas têm lugar cativo nestes dias e não são poucos os curiosos que se acercam dos mesmos, pensando fazer parte do circuito dos assadores municipais. Mas estes tertulianos são perentórios: "são todos bem-vindos, não mandamos ninguém embora!". Até porque ao conhecermos a espaçosa e artilhada cozinha de que dispõem, fica denunciada a capacidade e potencialidade para verdadeiros festins gastronómicos.

Os sócios da Lezíria com quem conversámos revelam-se aficionados pelas tradições tauromáquicas espanholas, pelas quais nutrem um certo fascínio. Confessam que gostariam de ver novamente uma corrida integral na sua Cidade e nos cortejos frisam que gostam de trajar as crianças da família de sevilhanas para embelezar o desfile em charrete. E se pelas ruas trazem cantoria e alegria, na tertúlia não é diferente.

Há sempre quem se lembre de elaborar uma partida com alguma malícia para rir e fazer rir, "como aquele irresistível momento de pegar numa das cabeças de toiro embalsamadas e colocá-la na entreaberta porta da tertúlia e surpreender quem passa", relembram divertidos. Convenhamos que só a ideia já é bastante sugestiva das possíveis reações. Mas também o inesperado acontece, como quando o toiro subiu pelas escadas no interior do prédio onde pertence a tertúlia, acelerando o coração de todos quantos assistiam. Mas foi só susto e a emoção, nada de grave se passou e até hoje é uma memória engraçada. Dentro de portas, a Lezíria proporciona um momento peculiar, tirando partido de um espaço privilegiado: é montada uma cerca em ferro para receber um bezerro para as brincadeiras. Miúdos e graúdos divertem-se, como que numa espera de toiros privada. "Alguns trajam a rigor para a brincadeira… todos se divertem e sobretudo as crianças anseiam por esse momento", contam. E depois falam sobre os forasteiros que recebem, "uma vez veio um autocarro cheio de França aqui para a nossa tertúlia", mas do rol de visitantes estão também incluídas figuras internacionais conhecidas que se juntaram aos cerca de 50 sócios da Casa para viver esta festa maior.

Sobre as esperas de toiros, outro momento predileto, lançam: "era bonito ver passar os toiros à moda antiga", a pé, pelo bonito cenário da Ponte Marechal Carmona até às ruas de Vila Franca. Não faltam sugestões para a organização e logística do Colete ou para a música que gostariam de ver no palco principal que, defendem, deveria ser sempre mais tradicional e alusiva às raízes da Festa. Mas, também não lhes falta a iniciativa. À data desta conversa estavam já a alinhavar a organização de mais uma romaria à Ermida de N.ª Sr.ª de Alcamé. Tomaram-na por hábito, por fé, pelo culto e pela tradição. Encetam habitualmente contactos com outros tertulianos e dirigem-se em procissão, culminado num convívio entre entusiastas das tradições e gentes de Vila Franca.

Hoje, a continuidade da tertúlia é mais do que um espaço para convívio de aficionados, é como que uma homenagem aos fundadores para quem a identidade e as raízes eram ponto de honra. Se em pequenos acompanhavam o avô João Maria em todas corridas abrilhantadas por José Júlio e, mais tarde, por Vítor Mendes (os eleitos pelo patriarca) agora é neste espaço que netos, mas também filhos, sobrinhos e amigos entregam a sua paixão pela arte e emoção da tauromaquia.

Texto: Ana Sofia Coelho
Fotografia: Ricardo Caetano

[1] Nota da redação: A Câmara Municipal apresenta as mais sinceras condolências à família e amigos do Sr. João Maria Conde, falecido no passado mês de maio.